

ANÁLISE INTERLINGUÍSTICA DO RÓTICOS A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE USO

INTERLINGUISTIC ANALYSIS OF ROTICS FROM THE USE EXPERIENCE

José Rodrigues de Mesquita Neto¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo geral analisar o papel da experiência de uso na construção da interfonologia dos róticos do português brasileiro e do espanhol como língua adicional. Temos como pergunta-problema: como a experiência de uso influi na construção da interfonologia dos róticos entre o PB e o ELA? Como hipótese básica, acreditamos que quanto mais o informante tenha contato com a língua estudada mais ele se distanciará das influências da sua língua materna. Para a realização da pesquisa, ancoramo-nos teoricamente nos modelos fonológicos multirepresentacionais: Fonologia de Uso (BYBBE, 2001) e Modelo de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001). A metodologia é de cunho quantitativo e de corte transversal, traz como *corpus* o áudio de 770 tokens em que os róticos aparecem em sete diferentes contextos fonotáticos e em dois experimentos. Desse modo, verificamos que a experiência de uso afeta em maior proporção alguns contextos mais que a outros e que isso reflete na construção interfonológica.

PALAVRAS-CHAVE: Modelos multirepresentacionais. Vibrantes simples e múltipla. Experiência de uso.

ABSTRACT: This work aims to analyse the role of use experience in building rhotic's interfonology in brazilian portuguese and spanish as additional language. The question-problem is: how use experience influences the building of rhotics' interfonology between PB and ELA? Our hypothesis basis is that the longer the informant has contact with the studied language the more he withdraws from his mother language's influence. This research is based upon theories of multirepresentational phonological models: Phonology and language use (BYBBE, 2001) and Exemplar dynamics: word, frequency, lenition and contrast (PIERREHUMBERT, 2001). The methodological approach is quantitative and transversal; its corpus is composed by 770 tokens in which the rhotics appeared in seven different phonotactics contexts and in two experiments. Therefore, it was assumed that use's experience affects more some contexts than others and that it reflects on interphologic construction.

KEYWORDS: Multirepresentational models. Simple and multiple vibrants. Sse experience.

1 Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar o papel da experiência de uso na construção da interfonologia dos róticos do português brasileiro (doravante PB) e do espanhol como língua adicional (doravante ELA)². Trazemos ainda como objetivos específicos: a) Descrever o sistema rótico do espanhol falado pelos informantes; e b) Verificar as características acústicas associadas à construção da interfonologia dos róticos do PB e ELA

Tentaremos responder a seguinte pergunta-problema: como a experiência de uso influi na construção da interfonologia dos róticos entre o PB e o ELA? Ancorando-nos na fonologia de uso (doravante FU), temos como hipótese básica que quanto mais o informante tenha contato com a língua estudada mais ele se distanciará das influências da sua língua materna (doravante LM).

¹ José Rodrigues de Mesquita Neto – Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *campus* Pau dos Ferros. Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UERN). E-mail: rodriguesmesquita@gmail.com / Orcid: 0000-0003-1302-4119

² Optamos pelo uso do termo Língua adicional com base em Leffa e Irale (2014) que justificam que seu uso traz vantagens já que não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Desse modo, queremos nos distanciar de debates sobre as dicotomias língua estrangeira x segunda língua ou aquisição x aprendizagem. Assim, propomos o uso do termo língua adicional como um conceito mais abrangente.

Muitos são os motivos que justificam a escolha para a pesquisa dos aspectos fonético-acústicos dos róticos tendo como foco a interfonologia entre o PB e o espanhol. Inicialmente, fomos impulsionados pela dificuldade vivenciada por mim e por meus companheiros de turma, ainda em tempo de graduação, ao pronunciarmos alguns fonemas, mais especificamente as vibrantes do espanhol. Além disso, a nossa preocupação foi aumentando quando percebemos que muitos dos colegas de curso, que seriam futuros professores desse idioma, estavam se formando sem uma gramática fonológica relativamente próxima à de um falante nativo. Fernández (2007) afirma que as vibrantes do espanhol são os fones de maior dificuldade por crianças espanholas, assim como de estrangeiros ao tentarem aprender o espanhol. Além disso, Lamprecht *et al.* (2004) afirmam que os sons líquidos são os últimos que adquirimos, justificando nossa dificuldade.

Acreditamos ainda que quando o estudante aprofunda seu conhecimento acerca dos sistemas fonológicos de sua LM e da língua adicional (doravante LA), melhor qualidade de realização do som da língua estudada ele terá. Salientamos ainda que as regras da gramática fonológica do espanhol estão muito mais próximas às do português do que as de outras línguas, visto que tanto o espanhol quanto o português surgiram do latim vulgar, assim trazendo características semelhantes. Essa similitude faz com que estudantes brasileiros se encontrem confortáveis ao aprender a língua fazendo com que não se esforcem para se distanciar dos traços fonológicos de sua LM. Dessa maneira, a aproximação advinda da origem dessas línguas é vista, ao mesmo tempo, como uma vantagem - tanto para o docente quanto para o estudante - mas também pode se tornar negativa, quando a influência do PB prejudica na comunicação.

Outro ponto que nos instigou a aprofundar nossos estudos no campo interlinguístico, foi a pouca quantidade de trabalhos existentes sobre a interfonologia rótica PB-ELA com foco na experiência de uso e tomando como base teórica os modelos multirepresentacionais: Fonologia de Uso (BYBBE, 2001) e Modelo de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001).

No tocante à metodologia, esta pesquisa é de cunho quantitativo e de corte transversal. Temos como sujeitos 10 (dez) professores de espanhol, sendo 5 (cinco) da rede estadual e 5 (cinco) de cursos livres. O *corpus* está composto pelo áudio de 770 (setecentos e setenta) *tokens*, sendo 350 (trezentos e cinquenta) do experimento 1 e 420 (quatrocentos e vinte) do experimento 2.

Este trabalho está dividido em 3 (três) partes, excetuando a introdução e a conclusão. Na seção teórica, expomos as características dos modelos multirepresentacionais, discutindo seus conceitos e ideias. Na segunda parte, explicamos nossa metodologia, dessa forma, expomos nossos sujeitos, descrevemos nossos experimentos e variáveis. Por fim, apresentamos nossos resultados e discutimos nossa análise.

2 Modelos multirepresentacionais

Os modelos multirepresentacionais se caracterizam pelas representações linguísticas interligadas em redes nos vários níveis da gramática. Esses modelos assumem que a representação linguística é múltipla e tentam explicar como as várias representações são gerenciadas no uso da linguagem. As conexões existentes dentro de cada nível nos permitem fazer generalizações que são entendidas a partir do uso, ou seja, através de nossas experiências linguísticas.

Podemos observar que “a gradualidade fonética é categoricamente excluída dos modelos tradicionais” (CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2004, p. 153) e que para os modelos multirepresentacionais, a fonética e fonologia estão dentro do mesmo nível, sem distinção. Também não há diferenciação entre fonema, fone e alofone, estando todos envolvidos na representação linguística, visto que o uso se dá através da realização do som.

Outro ponto relevante é que, para os modelos tradicionais, a linguagem é dissociada do uso e é concebida como inata, diferentemente do modelo aqui apresentado. Podemos notar ainda que a frequência tem relação com o armazenamento na memória, característica da FU.

Enfatizamos a utilização dos pressupostos da FU e do modelo de exemplares (doravante ME) neste trabalho. Dessa forma, abolimos o uso de colchetes [...] e barras transversais /.../ para indicação dos níveis fonético e fonológico, uma vez que os modelos multirepresentacionais defendem a não-distinção entre os níveis, como já dissemos anteriormente. Para este trabalho, usaremos o **negrito** para indicar transcrições que envolvam concomitantemente os níveis fonético e fonológico.

Nas próximas seções, apresentaremos os modelos, eles são: a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e o Modelo de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001).

2.1 Fonologia de uso

Os modelos tradicionalistas expressam formalmente a organização dos sistemas fonológicos e partem do pressuposto de que existem pelo menos dois níveis de representações sonoras: o fonético e o fonológico. O primeiro observa o detalhe fonético, a realização do som, o fone/alofone, já o segundo expressa o conhecimento abstrato do falante, ou seja, o fonema. Os modelos fonológicos baseados no uso “nasceram em oposição ao paradigma reducionista associado à aplicação de regras aos processos de mudança/aquisição linguísticas” (BARBOZA, 2013, p. 35).

Assim, diferentemente da visão tradicionalista, a FU oferece uma proposta diferenciada de análise do componente sonoro, visto que os níveis fonético e fonológico são analisados conjuntamente, não postulando dois níveis de representação. Nessa perspectiva, o detalhe fonético (alofone) passa a ser essencial para o mapeamento fonológico. Além disso, esse modelo ainda traz uma proposta para a análise do componente sonoro relacionando os aspectos sincrônicos e diacrônicos. A FU presume esquemas de generalizações entendidos a partir do uso, isto é, representações mentais.

A FU deriva de uma abordagem que busca englobar os subsistemas: fonologia, sintaxe, semântica em uma teoria da linguagem. Para essa teoria, estudar apenas as estruturas não é o suficiente, pois o foco na estrutura precisa ser complementado por uma visão que inclua dois aspectos importantes do fenômeno da linguagem: o conteúdo material e o uso da linguagem (BYBEE, 2001). O primeiro aspecto se refere à fonética e à semântica enquanto que o segundo trata das interações sociais.

Com isso, considerando os princípios apresentados pela autora, em que o uso real das unidades linguísticas interage com a substância, agindo sobre a estruturação mental da língua, acreditamos que quanto maior o uso de determinado som em um contexto fonotático específico, mais acurada será a sua realização e, ao contrário, quanto menor o uso, mais distante estará de uma realização inteligível. Cristófar-Silva (2005, p. 224) nos diz que a “Fonologia de Uso assume que as representações fonológicas expressam generalizações que falantes depreendem a partir da experiência com o uso da língua”, desse modo, o uso frequente de uma variante do rótico em detrimento de outra acarretará em mudanças nas representações mentais dos falantes expostos a essa variante.

Bybee (2001) elenca algumas características da FU:

- a) a experiência afeta a representação mental, ou seja, o uso de padrões mais ou menos frequentes afetam essas representações;
- b) as características redundantes são armazenadas (em rede);
- c) generalizações de itens fonológicos não são separadas das representações mentais e sim, emergem a partir delas;

d) o falante nativo forma suas construções linguísticas a partir do uso.

A organização que é realizada a partir de redes propiciam um armazenamento compacto e o acesso eficiente dos dados. Com relação ao armazenamento, tanto as formas regulares quanto irregulares são associadas de acordo com suas semelhanças nos níveis fonológicos, morfológicos e semânticos. O modelo de redes foi desenvolvido para rechaçar a ideia dos modelos cognitivos de processamento duplo no qual indicava o acesso direto às formas irregulares por meio das regras dessas formas.

O uso das unidades linguísticas interage com a substância, ou seja, com a forma e o sentido, agindo sobre a estruturação mental da língua (BYBEE, 2001). Dessa maneira, o uso repetido de determinado rótico em detrimento de outro acarretará mudanças na representação mental das palavras em que ocorre, assim emergindo diferentes sons.

A frequência de ocorrência na língua tem papel crucial nos modelos multirepresentacionais. O efeito da repetição de uma sequência lexical pode acarretar em um aprendizado autônomo, sem levar em conta o significado das unidades que constituem a sequência. No tocante à FU, temos duas categorias de frequência: a de tipo e a de ocorrência.

A primeira se refere ao número de ocorrências de um determinado padrão linguístico, ou seja, está relacionada à produtividade de determinado padrão na língua, assim “quanto mais frequente for um determinado padrão, maior a sua produtividade. Novas construções teriam uma maior probabilidade de fazerem uso de um tipo mais frequente” (BARBOZA, 2013, p. 38). Sintetizando, podemos dizer que a alta frequência de tipo torna um esquema representacional mais acessível para o uso em novos itens, tornando-o mais produtivo que tipos menos frequentes.

No que tange à frequência de ocorrência, Bybee (2008) enfatiza os efeitos da repetição dos itens de alta frequência, bem como sua autonomia e os efeitos de redução sonora. A autora propôs que o efeito da repetição implica que itens da língua adicional cujos aprendizes são expostos com maior frequência teriam uma produção mais distante da gramática fonológica de sua LM. Esse tipo de frequência pode exercer diferentes efeitos, dependendo das características do fenômeno. Há mudanças que afetam primeiramente as palavras mais frequentes enquanto outras que atingem inicialmente as menos frequentes (PHILLIPS, 1984).

Assim como a FU, os Modelos de Exemplares compartilham da concepção da multirepresentacionalidade. Desse modo, na próxima seção, tratamos sobre o modelo de exemplares.

2.2 Modelo de exemplares

O ME se assemelha aos princípios da FU, compartilhando assim, a concepção de multirepresentacionalidade das representações linguísticas e formulando parâmetros organizacionais de gerenciamento do conhecimento linguístico.

A teoria de exemplares surgiu com o questionamento de Johnson e Mullennix (1997) envolvendo a não-utilização do detalhe fonético na representação mental, característica dos modelos tradicionalistas. Os autores acreditavam que era possível e necessário o estudo do detalhe fonético e que seu armazenamento se daria em decorrência da frequência de ocorrência.

No tocante às representações mentais, para os autores, elas eram complexas, visto que incorporavam o detalhe fonético de forma previsível, com mapeamento simples. Desse modo, o ME defende um mapeamento simples e uma representação mental complexa, assim, opondo-se ao modelo fonológico tradicional.

Pierrehumbert (2001) discute algumas questões relacionadas à visão tradicionalista, tais como: a) o léxico dissociado da gramática e, conseqüentemente, da fonologia; b) uma única forma de falar (fala ideal); e c) os padrões fonológicos sendo vistos como propriedade do

desempenho e não da competência. A autora defende que com o ME é possível avaliar os conteúdos das representações mentais e que esta teoria resolve a questão da grande variabilidade existente nas línguas.

Assim, o armazenamento do detalhe fonético das realizações sonoras permitiu ao ME lidar satisfatoriamente com o problema da variação sociolinguística. Para Johnson (2007), as características articulatórias do exemplar seriam realizadas pelo aparelho fonador.

Podemos dizer que um exemplar pode ser considerado uma associação entre propriedades auditivas e um conjunto de rótulos categóricos associados às características pessoais dos falantes tais como: sexo, idade, região, condição social, entre outros. Esses exemplares são armazenados em forma de conjuntos ou nuvens, cujas propriedades estão mais próximas ou não de um dado exemplar prototípico (PIERREHUMBERT, 2001).

Os exemplares são organizados num mapa cognitivo, no qual uma nuvem de exemplares abarca tanto informações linguísticas (contexto morfológico e fonético) quanto extralinguísticas (fatores sociais e pessoais).

A frequência de tipo é importante para a compreensão dos efeitos de produtividade, pois um grande número de ocorrência de palavras com um tipo linguístico específico é necessário para a produtividade – o que justifica o armazenamento em nuvens e em redes. Com relação ao detalhe fonético, ele é adquirido de forma gradual, associado diretamente à maior ou menor recorrência dos padrões – o que relaciona esse modelo ao Sistema Adaptativo Complexo. Um exemplo disso é a tendência do brasileiro de fricatar a vibrante múltipla do espanhol em posição intervocálica ao realizá-la.

Cristófar-Silva (2003, p. 220) resume as características do ME em duas: “1) o detalhe fonético é aprendido como parte da palavra (os sons se encontram em contexto e palavra é o lócus de categorização; e 2) a frequência desempenha um papel crucial no mapeamento fonológico.”

3 Metodologia

A presente pesquisa foi delimitada como um estudo quantitativo, seguidora de uma metodologia experimental e de corte transversal. Para uma melhor explanação, decidimos subdividir esta seção em 3 (três) partes: Constituição da amostra (3.1), Experimentos (3.2) e Análise dos dados (3.3).

3.1 Constituição da amostra

Como o trabalho está baseado na FU e no ME, dividimos os informantes em 2 (dois) grupos. O primeiro grupo é composto por 5 (cinco) professores do ensino médio da rede estadual. O segundo também está constituído por 5 (cinco) docentes, porém, de cursos livres. A seleção desses grupos ocorreu visando a observação do efeito da experiência de uso³ oral e comunicativo do ELA. O primeiro grupo não usa a LA para explicações ou para se comunicar com os alunos em sala de aula, o uso do espanhol é restrito a ler textos ou dar exemplos. O segundo grupo, por sua vez, usa-o basicamente em toda a aula, seja para saudar os alunos ou para uma explicação mais elaborada. Assim, temos como pressuposto que os professores dos

³ Para obter essas informações aplicaremos um questionário de anamnese. O mesmo serviu para inferirmos o uso da LA pelo informante fora de sala de aula como através de filme, música, histórico de estudo da língua entre outros tipos de experiências de uso não associados ao uso oral enquanto docentes.

curso livres realizam os róticos com menor influência da gramática fonológica do PB uma vez que apresentam maior experiência de uso do ELA que professores do ensino médio.

Dessa forma, tivemos como *corpus* de análise a gravação de 10 (dez) professores de ELA das cidades de Mossoró e Pau dos Ferros, municípios do Rio Grande do Norte. Utilizamos os seguintes critérios para a seleção dos informantes: a) falantes do português brasileiro como língua materna; b) não apresentar problemas de audição e/ou fala; c) não ter períodos de residência fora do Brasil (em países cuja LM seja o espanhol); d) não utilizar o espanhol com um cônjuge/parente próximo; e e) utilizar o falar potiguar do PB.

Como tratamos de um trabalho experimental, é necessário apresentarmos as variáveis que levamos em consideração na aplicação dos experimentos. Assim, iniciamos apontando a variável dependente: a realização do rótico no ELA. Assim, para avaliar a qualidade da realização, optamos por uma variável binária, ou seja, verificaremos se os informantes realizaram ou não as vibrantes (simples ou múltipla) nos determinados contextos fonotáticos.

Partimos para a apresentação das variáveis independentes: a) Indivíduo: verificamos como a realização da palavra emergiu na fala de cada sujeito; b) Palavra: consideramos que a organização do léxico varia de indivíduo para indivíduo, dessa maneira, verificamos como os informantes lidaram com o mesmo item lexical; e c) Frequência de ocorrência: buscamos organizar as palavras analisadas em itens mais e menos frequentes, posto que segundo as teorias aqui trabalhadas, a frequência de ocorrência pode influenciar na emergência de diversos fenômenos fonológicos..

3.2 Experimentos

Para a coleta dos dados, optamos pela utilização de 2 (dois) experimentos, sendo o primeiro a leitura de frases-veículo e o segundo uma atividade em que os informantes deveriam indicar como chegar a determinados lugares, seguindo um mapa. Os nomes das ruas foram alterados com a finalidade de controlarmos, de algum modo, a utilização dos róticos nos contextos que estávamos analisando.

Desse modo, as palavras de ambos experimentos foram selecionadas baseadas em 7 (sete) diferentes contextos fonotáticos: posição intervocálica, coda final, coda medial, onset, encontro tautossilábico, <rr> e <n>, <s>, <l> + <r>.

Analisamos 770 (setecentos e setenta) *tokens* na pesquisa. No primeiro experimento, analisamos 350 (trezentos e cinquenta) *tokens*, sendo 35 (trinta e cinco) palavras lidas por cada informante. Já no segundo, 14 (catorze) palavras foram selecionadas, no entanto, foram faladas 3 (três) vezes por cada sujeito, assim, totalizando 420 (quatrocentos e vinte) *tokens*. Para a seleção das palavras, verificamos a frequência de ocorrência através do *corpus del español*⁴ que indica a utilização do espanhol em 21 (vinte e um) países cujo idioma é a LM. Dessa maneira, consideramos palavras de baixa ocorrência as que tem número igual ou menor que 10.000.

3.3 Análise dos dados

Os meios físicos para a obtenção das gravações foram constituídos de um gravador digital profissional, do tipo Zoom H6, e um microfone, do tipo Shure SM 58. O gravador possui configurações que podem ser alteradas dependendo das condições do ambiente em que a gravação é realizada. O microfone utilizado foi um modelo dinâmico unidirecional, cuja frequência de resposta vai dos 50 aos 15.000Hz.

⁴ Disponível em <https://www.corpusdelespanol.org/>

As gravações foram realizadas em ambientes fechados onde conseguimos controlar ruídos internos de maneira razoavelmente eficiente. O estudo foi desenvolvido com a ajuda do programa computacional Praat versão 5.1.43 (BOERSMA; WEENINK, 2012). O mesmo foi utilizado para a observação espectral e oscilográfica dos róticos do PB e ELE.

Os dados analisados nesta pesquisa foram primordialmente quantitativos. Utilizamos principalmente testes estatísticos de qui-quadrado em sua análise, bem como um teste de correlação, com o intuito de validar os resultados específicos desta amostra a toda a população de professores brasileiros de ELA. O programa estatístico utilizado na análise foi o SPSS, versão 20.1. Dados qualitativos foram também apresentados, principalmente na discussão de emergências dos róticos do ELA em padrões inesperados.

4 Análise dos dados: experiência de uso

Sabemos que medir a experiência de uso numa língua é extremamente difícil, pois depende de vários fatores, tais como: motivação, contato com nativos, prática fora de aula, tempo de estudo formal etc. Dessa maneira, levamos em consideração o uso formal da língua adicional no ambiente profissional, ou seja, dentro da sala de aula, visto que os informantes são professores.

Na figura 1, apresentamos uma visão geral da análise referente à emergência das vibrantes simples e múltipla, excetuando a posição de coda final. Apontamos os resultados dos dois grupos. Para isso, acima de cada coluna apresentamos o número de realizações de cada vibrante, sendo a coluna de cor preta referente à realização de **r** e a cinza referente à **r**.

Enfatizamos que na figura 1, não contabilizamos nenhuma realização que seja diferente de vibrante, tais como as fricativas e/ou apagamentos. Para o grupo de alta experiência, temos um total de 240 (duzentas e quarenta) realizações que variam entre vibrantes múltipla e simples, destas 135 (cento e trinta e cinco) foram vibrantes simples. No tocante ao grupo de baixa experiência, 203 (duzentos e três) sons emergiram variando entre vibrantes simples e múltipla, sendo 128 (cento e vinte e oito) para **r** e 75 (setenta e cinco) para **r**. Podemos deduzir que o grupo de baixa experiência realizou com mais frequência sons que se distanciavam da realização padrão da gramática fonológica do espanhol.

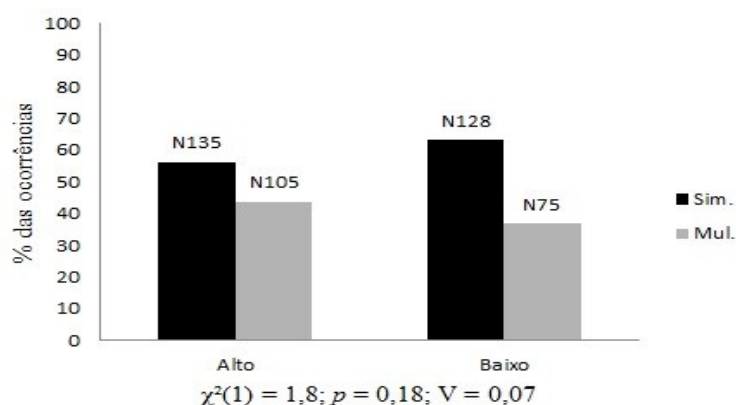


Figura 1: Emergência das vibrantes quanto à experiência de uso.

Dados apontam uma diferença entre a emergência nos grupos de experiência de uso alto e baixo, em que o segundo tem um menor número de realizações da vibrante múltipla. Todavia o teste estatístico apresenta apenas diferença não significativa entre os grupos. Portanto, conclui-se que neste caso a experiência de uso não foi relevante na emergência do fenômeno, diferentemente do que apontam os estudos de Cristófar-Silva (2005) e Bybee (2008) em que

ênfatizam a experiência de uso como uma variável primordial na emergência de novos sons. Pois, assim como destacam os estudos relacionados aos modelos multirepresentacionais, “o conhecimento linguístico é baseado no uso (experiência)” (CRISTÓFARO-SILVA, 2005, p. 226).

Na figura 2, discutimos a emergência das vibrantes incluindo a posição de coda absoluta. Ao incluirmos este tipo fonotático, verificamos 503 (quinhentos e três) casos de emergência de vibrantes, sendo 280 (duzentos e oitenta) para o grupo de alta experiência de uso e 223 (duzentos e vinte e três) para o de baixa. No que concerne à emergência das vibrantes em posição final, temos 70 (setenta) realizações de vibrantes variando entre simples e múltiplas, sendo 40 (quarenta) para o grupo de alta experiência e 30 (trinta) para o de baixa. Lembramos que nesse tipo fonotático o rótico se neutraliza na língua espanhola (BRISOLARA; SEMINO, 2014).

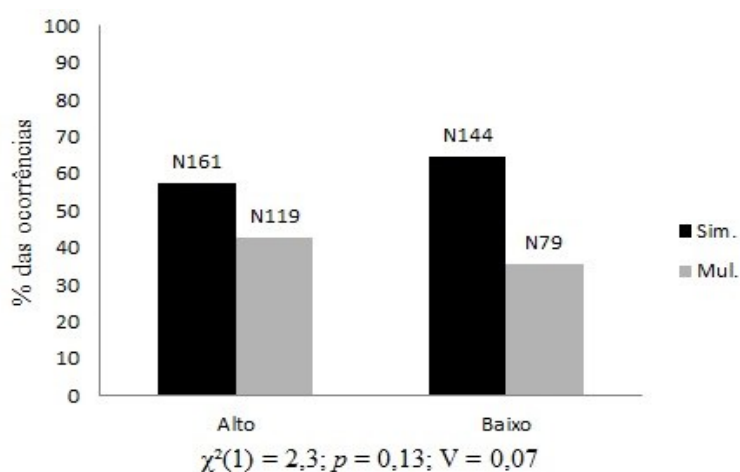


Figura 2: Emergência das vibrantes quanto à experiência de uso, incluindo posição final.

Notamos que visivelmente os grupos apresentam diferenças, visto que o de baixa experiência faz uso mais recorrente da vibrante simples enquanto que o de alta apresenta uma competição maior entre as realizações simples e múltipla. No entanto, a diferença entre os grupos de maior e menor exposição ao espanhol continua não significativa do ponto de vista estatístico, apesar de, visivelmente, haver uma diferença maior no grupo de baixa experiência.

Na figura 3, podemos ver a análise da emergência da fricatização e apagamento em todos os contextos quanto à variável experiência de uso. Enfatizamos que autores como Hoyos-Andrade (2002), Brandão (2003), Fernández (2007) e Izquierdo (2010) reforçam a ideia de que, no espanhol, os róticos são geralmente encontrados de maneira uniforme em todos os dialetos, variando entre vibrantes múltipla e simples. Desse modo, as elisões e fricatizações são emergências decorrentes da interfonologia dos informantes.

Assim, 75 (setenta e cinco) casos foram identificados com ditas realizações. Notamos que a maioria emergiu no grupo de baixa experiência – 57 (cinquenta e sete) vezes - enquanto que o grupo de alta experiência as realizou apenas 18 (dezoito) vezes.

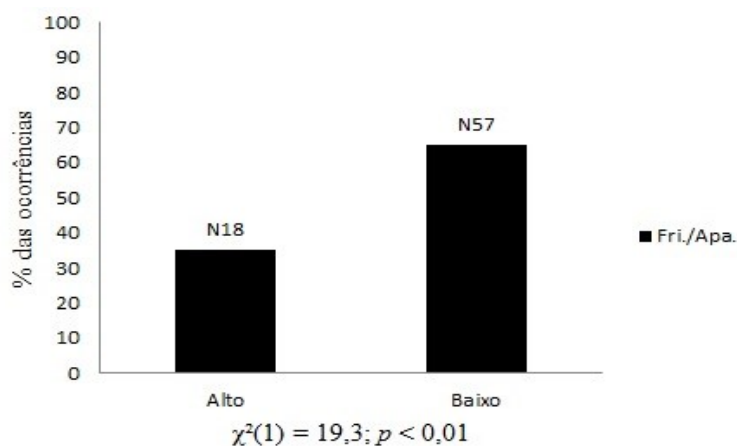


Figura 3: Emergência da fricativização e apagamento na variável experiência de uso.

Dessa maneira, a observação dos dados indica uma diferença entre os grupos, como de praxe. Não obstante, desta vez, a diferença foi considerada significativa do ponto de vista estatístico, pois 35% das realizações se deram no grupo de alta experiência de uso, enquanto 65% no segundo grupo, assim como se esperava. Ou seja, os resultados indicam que os professores com maior experiência de uso – os de aulas comunicativas/cursos livres – se aproximam mais da realização alvo.

Concluimos então que o grupo dos informantes com baixa experiência de uso do ELA apresenta atratores mais fortes associados ao PB em comparação ao grupo de alta experiência. Dessa maneira, contrariando os estudos de Silva (2007, p. 93-94) em que aponta que “essa variável não se mostrou muito relevante”, pois alunos com uma menor exposição formal da língua estudada realizaram o “uso adequado do fonema”. Gomes (2013, p.95) concorda com Silva (2007) afirmando que “o maior tempo de exposição formal ao ensino não contribui para a maior realização da vibrante múltipla na produção oral dos aprendentes investigados”.

No entanto, nossa pesquisa conversa diretamente com os conceitos referentes aos modelos multirepresentacionais e refuta, em parte, os achados das autoras supracitadas, visto que, diferente dos modelos tradicionais, a frequência tem relação com o armazenamento da memória. Desse modo, quanto maior o uso, menores serão os desvios de realizações padrões. Assim, verificamos que a experiência de uso foi uma variável relevante para esta pesquisa.

Observamos, na figura 4, a análise da emergência da fricativização e apagamento apenas em posição de coda absoluta quanto à experiência de uso. Constatamos que o grupo de baixa experiência realizou um total de 25 (vinte e cinco) elisões ou fricativizações enquanto que o segundo grupo realizou apenas 15 (quinze).

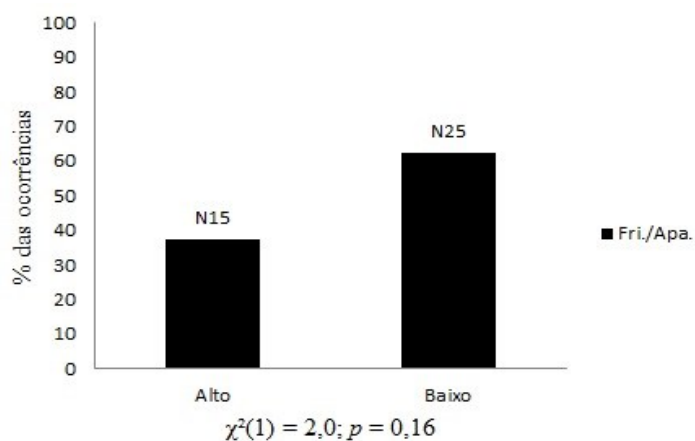


Figura 4: Emergência da fricativização e apagamento em posição final na variável experiência de uso.

A análise estatística dos dados não corrobora essa visão, pois indicam diferença não significativa entre as variáveis analisadas. Desse modo, podemos concluir que os grupos com maior e menor experiência de uso são distintos quanto à emergência de fricativas e apagamento no total de dados - como indicado na análise anterior (figura 3) – pois o grupo de baixa experiência apresentou diferença significativa ao compararmos com o grupo de alta experiência, fazendo um maior uso dessas realizações. Já no contexto específico, posição de coda absoluta, em que esta variação é esperada no português, os grupos comportam-se de maneira semelhante, pois o rótico em posição final se neutraliza no PB.

Como vimos anteriormente, a coda final é lugar de competição de fenômenos emergentes no ELA, pois “o comportamento de um indivíduo é a consequência de fatores em competição, variando de mecanismos perceptuais a motivações sociais” (BECKNER et al., 2009, p. 2). Aparentemente os informantes de baixa experiência de uso realizam o espanhol com maior influência do atrator associado a fenômenos fonológicos do PB, por isso, realizando fricativas, como observado na figura 5, ou apagamentos.

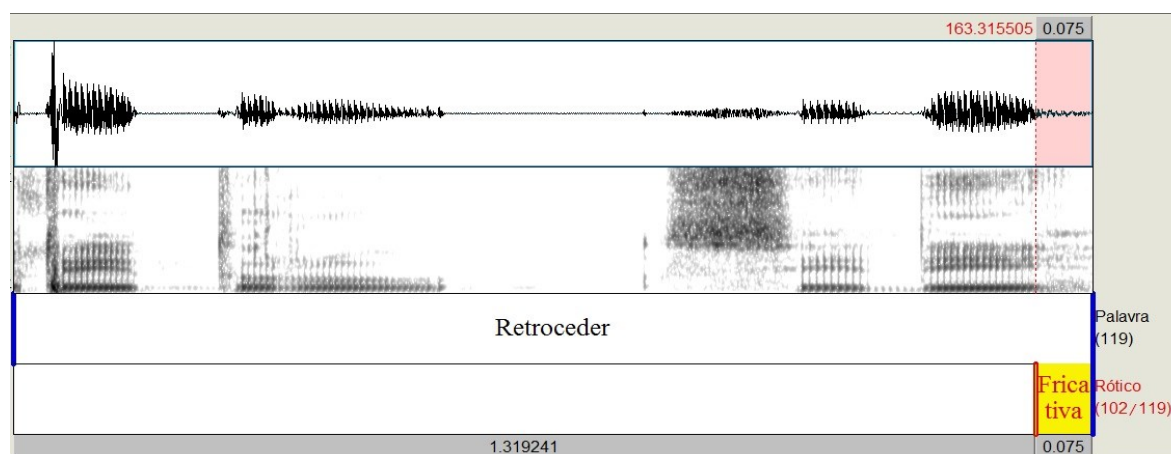


Figura 5: Espectrograma e oscilograma de M1E1Retroceder.

A figura acima apresenta o espectrograma e oscilograma da palavra *retroceder* realizada pelo M1⁵, que pertence ao grupo de baixa experiência de uso. Verificamos que no lugar da emergência de uma vibrante como em *retrose'ðer* - assim como se espera dos padrões fonológicos do espanhol -, o informante realiza uma fricativa em posição de coda *retrose'ðef* - devido à influência do atrator profundo, o PB.

Para aprofundar a análise da variável experiência de uso, utilizamos os dados do questionário. Para isso, criamos um índice de experiência de uso no questionário (doravante IEUQ) quantificado através de algumas respostas dadas pelos informantes. O IEUQ é obtido através da quantificação do questionário e a soma do total das respostas. Assim, conseguimos chegar a uma configuração dos informantes sobre a maior ou menor utilização do espanhol.

A seguir, apresentamos, na figura 6, a correlação entre o índice de realização não padrão (doravante IRNP) e o IEUQ.

⁵ Os informantes foram categorizados com as letras M (professores do ensino médio) e L (professores de cursos livres) e associados a um número que varia entre 1 e 5, que é o quantitativo total do grupo.

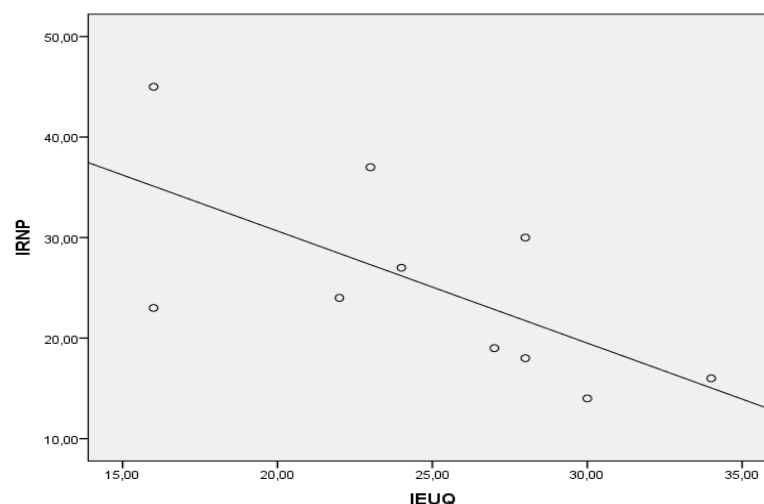


Figura 6: Índice de Realização Não-Padrão x Índice de Experiência de Uso Questionário.

Ao observarmos a figura, percebemos que existe uma correlação entre as variáveis IRNP e IEUQ. Esta é negativa, uma vez que o aumento do IRNP parece associado à diminuição do IEUQ. A análise estatística, realizada com o teste spearman⁶, indica uma correlação negativa significativa de grau médio do ponto de vista da experiência de uso individual.

Os informantes com maior experiência de uso são aqueles com menor IRNP. Segue em ordem crescente o IRNP dos mesmos: L2 – L1 – L4 – M4 – L3 – M5 – M3 – L5 – M2 – M1. Fazendo a relação do IEUQ e dos informantes temos o seguinte resultado: L1 (34), L2 (30), L3 (28), L4 (28), L5 (24), M1 (16), M2 (23), M3 (22), M4 (27) e M5 (16). O número apresentado entre parênteses é a soma quantificada do IEUQ de cada informante.

Esperávamos que os L1, L2, L3, L4 e L5 apresentassem os menores IRNP, visto que estes fazem parte do grupo de alta experiência de uso enquanto que os demais estão incluídos no grupo de baixa experiência, por consequência, esperávamos que apresentassem os maiores IRNP.

Notamos que do grupo pertencente aos de alta experiência de uso, o L5 é o que mais se distancia na relação IRNP x IEUQ. O L2 e o L1 apresentam uma relação bastante aproximada dos resultados. Já com relação ao grupo de baixa experiência, percebemos que M4 apresenta um IRNP menor que o L3, por exemplo, diferentemente do que esperávamos.

5 Conclusões

Este estudo teve por finalidade analisar o papel da experiência de uso na construção da interfonologia dos róticos do PB e do ELA. Já como objetivos específicos, buscamos: a) Descrever o sistema rótico do espanhol falado pelos informantes; e b) Verificar as características acústicas associadas à construção da interfonologia dos róticos do PB e ELA.

Desse modo, partimos da seguinte pergunta-problema: como a experiência de uso influi na construção da interfonologia dos róticos entre o PB e o ELA? Tínhamos como hipótese básica que quanto mais o informante tenha contato com a língua estudada mais ele se distanciará das influências da sua LM.

Tendo em vista o objetivo e a hipótese, selecionamos como sujeitos de pesquisa 2 (dois) grupos de professores de espanhol, sendo 5 (cinco) docentes da rede estadual e 5 (cinco) de cursos livres. Todos os informantes são formados ou estudantes de letras com habilitação em

⁶ O teste de correlato de spearman é uma medida não paramétrica, ou seja, não possui parâmetros característicos, de correlação de postos, ou seja, dependência estatística entre a classificação de duas variáveis (nesse caso Realização Não-Padrão e a Experiência de Uso).

língua espanhola, falantes do PB como língua materna, não apresentam problemas de audição e/ou fala, não têm períodos de residência fora do Brasil, não utilizam o espanhol com um cônjuge/parente próximo e utilizam o falar potiguar do PB.

Enfatizamos que tivemos dificuldades para conseguir os informantes. Os docentes de escolas estaduais nem sempre tinham disponibilidade e quando passavam a ter conhecimento do experimento gravado, desistiam. Já com relação ao grupo Cursos Livres, tanto em Mossoró quanto Pau dos Ferros, as poucas escolas de idiomas existentes não formam turmas de espanhol ou seus professores são nativos. Assim, tivemos que recorrer a professores dos núcleos de extensão (NECLE e NEEL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, ou seja, alunos ainda em formação.

Sobre nossos achados, podemos deduzir que o grupo de baixa experiência realizou com mais frequência sons que se distanciavam da realização padrão da gramática fonológica do espanhol. No entanto, dados estatísticos apresentam apenas diferença não significativa entre os grupos no que se refere aos contextos em que se espera a emergência de vibrantes simples e múltipla. Já no que concerne à emergência de fricativizações e elisões, notamos que a maioria dos casos ocorreu no grupo de baixa experiência, desse modo, havendo diferença significativa do ponto de vista estatístico. Assim, o grupo dos informantes com baixa experiência de uso do ELA apresenta maior tendência pela emergência de atratores associados ao PB em comparação ao grupo de alta experiência. No entanto, ao analisarmos a emergência de fricativas e elisões em posição de coda absoluta, os grupos comportam-se de maneira semelhante. Por fim, os informantes com menor IRNP são, em ordem crescente, L2 – L1 – L4 – M4 – L3 – M5 – M3 – L5 – M2 – M1. Dessa maneira, podemos afirmar que, de um modo geral, nossa hipótese foi confirmada mesmo tendo contextos específicos em que o grupo de baixa experiência de uso se assemelhe ao de alta.

Apesar de o trabalho focar em professores, consideramos os resultados aqui apresentados relevantes para todos que queiram se aprofundar nos estudos interfonológicos dos róticos PB-ELA, sejam professores, alunos ou pesquisadores. Além disso, o conhecimento aprofundado das regras da gramática fonológica nos permite menores possibilidades de realizações não padrão da LA.

Em suma, concluímos que o detalhe fonético do PB deve ser observado como importante na construção da fonologia do ELA de professores brasileiros. Além disso, esperamos que este trabalho sirva de alicerce para novas pesquisas nesta área.

Referências

- BARBOZA, C. L. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira**. 2013. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.
- BECKNER, et al. Language is a complex adaptive system: position paper. **Language Learning**, Michigan, v. 51, n. 1, p.1-26, Dec. 2009.
- BOERSMA, P.; WEENIK, D. **Praat: doing phonetics by computer**. Version 5.1.43. Disponível em: <http://www.praat.org>. 2012.
- BRANDÃO, L. R. **Yo hablo. Pero...¿Quién corrige?: A correção de erros fonéticos persistentes nas produções em espanhol de aprendizes brasileiros**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- BRISOLARA, L.; SEMINO, M. **¿Cómo pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: Ejercicios prácticos**. Campinas: Pontes Editores. 2014.

- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, Peter; ELLIS, Nick C. **Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition**. New York: Routledge, 2008. p. 216-236.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. Descartando fonemas: a representação mental na fonologia de uso. In: HORA, D.; COLLISCHON, G. **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 200-231.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. Fonologia probabilística: estudos de caso do português brasileiro. **Lingua(gem)**, Macapá, v. 2, n. 2, p.223-248, 2005.
- CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. Representações múltiplas e organização do componente linguístico. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2004, p. 147-177.
- FERNÁNDEZ, J. **Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica**. Madrid: Arco/libros. 2007.
- GOMES, A. S. **A vibrante múltipla espanhola em aprendentes de Espanhol como língua estrangeira na Bahia e em São Paulo: uma abordagem sociolinguística**. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) – Curso de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.
- HOYOS-ANDRADE, R. E. Las vibrantes en el portugués brasileño: caracterización fonético-fonológica. **La linguistique**, França, v. 38, 2002, p. 53 – 70.
- IZQUIERDO, M. A. **La lengua española en América: normas y uso actuales**. Universitat de Valencia, 2010.
- JOHNSON, K. Decisions and mechanisms in exemplar-based phonology. In: SOLE, M. J.; BEDDOR, P.; OHALA, M. (Ed.). **Experimental approaches to phonology in honor of John Ohala**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 25-40.
- JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. Complex representations used in speech processing: overview of the book. In: JOHNSON, K.; MULLENNIX, J. W. (Ed.). **Talker variability in speech perception**. San Diego: Academic Press, 1997. p. 1-8.
- LAMPRECHT, et al. Antes de mais nada. In: LAMPRECHT, R. (org). **Aquisição fonológica do português – perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LEFFA, V. J.; IRALE, V. B. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA, V. J.; IRALE, V. B. **Uma espiadinha na sala de aula**. Pelotas: Educat, 2014, p. 21-49.
- PHILLIPS, B. Word Frequency and the Actuation of Sound Change. **Language**, v. 60, n. 2, p 320-342, jun. 1984.
- PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Comp.). **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 137-158.
- SILVA, K. C. **Ensino-Aprendizagem do espanhol: O uso interlinguístico das vibrantes**. 2007. 161f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

Submetido em 19/03/2021

Aceito em 20/08/2021